

O marquês de Valada e a tragicomédia da inversão

António Fernando Cascais

Universidade Nova de Lisboa – ICNOVA

Resumo: O caso do marquês de Valada encontra-se bem documentado em estudos que se concentraram na extraordinária amplificação que lhe foi dada pelas inúmeras caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro no século XIX. O presente artigo retoma essa documentação para lhe acrescentar uma brochura publicada sob o pseudónimo de Dr. César Pensabundo e nunca antes divulgada, a qual constitui um verdadeiro marco na história da intriga política homofóbica em Portugal. Neste sentido, ela apresenta-se igualmente como um exemplar instrumento da efeminação estigmatizadora do homossexual, contribuindo assim ao mais alto nível para o processo de construção da homossexualidade moderna.

Palavras-chave: marquês de Valada, Bordalo Pinheiro, Pensabundo, caricatura, inversão

Résumé : L'affaire du marquis de Valada est déjà bien documentée à travers des études qui

se sont concentrées sur l'extraordinaire répercussion des innombrables caricatures que Rafael Bordalo Pinheiro lui a consacré au XIXe siècle. Notre article reprend cette documentation pour y ajouter une brochure publiée sous le pseudonyme de Dr. César Pensabundo, jamais étudiée jusqu'à présent, laquelle constitue un véritable jalon dans l'histoire de l'intrigue politique homophobe au Portugal. En ce sens, elle se présente également comme un instrument exemplaire d'effémination stigmatisante de l'homosexuel, tout en contribuant ainsi, au plus haut niveau, au processus de construction de l'homosexualité moderne.

Mots-clé : marquis de Valada, Bordalo Pinheiro, Pensabundo, caricature, inversion

São bem conhecidos os factos ocorridos com José de Menezes e Távora Rappach da Silveira e Castro (1826-1895), marquês de Valada, profusamente documentados nos estudos pioneiros de Robert Howes¹ e de Fernando Curopos², a que vimos juntar material inédito e de difícil acesso que nos permite não só confirmar as conclusões destes investigadores como complementá-las. Na noite de 6 de Agosto de 1881, o marquês de Valada é surpreendido em flagrante numa cena de engate com um soldado de infantaria numa pensão de passe situada na Travessa da Espera do lisboeta e boémio Bairro Alto. O soldado, “preso ainda em constrangida descompostura de traje, foi em seguida levado para o Governo Civil, onde confessou a incontestável aquiescência venal às solicitações do titular que conseguira pôr-se a salvo³”. Acontece que a vida privada do marquês já anteriormente era pública e notória na sociedade portuguesa, então muito mais aristocrática que burguesa, cuja devassidão e hipocrisia laxista eram objeto privilegiado das denúncias morigeradoras dos setores da oposição republicana e socialista. Significa isso que a relevância do escândalo é diretamente proporcional à sua rentabilidade política, como o confirmará o escritor-Raul Brandão nas suas *Memórias*: “Lembro-me muito bem de uma Lisboa amável e falsa [...] Na rua e na caricatura triunfava o marquês de Valada. A vida era fácil [...]. Lisboa foi sempre, como Nápoles, uma cidade de pederastas... Desde o marquês de Valada [...] quantos nomes a citar! Escritores, aristocratas, jornalistas...⁴”. O marquês e o seu cúmplice são detidos ao abrigo dos ultrajes públicos ao pudor puníveis pelo artigo 391º do Código Penal de 1852, e definidos pelo futuro diretor do Instituto de Medicina Legal de Lisboa Asdrúbal António de Aguiar como “factos [...] como os de indivíduos do mesmo sexo executarem actos homossexuais à vista das outras pessoas⁵”. Ao invés da mulher que facultava a sua habitação para estes encontros e do soldado, que permanecem presos, a rápida libertação do marquês motiva o reparo crítico do escritor e polemista Ramalho Ortigão quanto à duplicidade de critérios na aplicação da lei, prática prevalecte, então como sempre, na sociedade portuguesa, profundamente dúplice e desigualitária. Para Ortigão, a justiça exige menos a condenação penal do que o desprezo da opinião, que deve ser promovido pela imprensa, a qual, porque “representa um poder sagrado, que se chama a consciência social [...] tem a obrigação de registar em benefício geral da higiene” este “caso latrinário” que pertence à “história patológica do nosso tempo”, concluindo: “O soldado de infantaria 7 preso na travessa da Espera está na cadeia. O titular, seu cúmplice, que o privilégio de grande do reino e de membro da Câmara Alta põe ao abrigo da captura, foi tranquilo para casa, e continua a descer, feliz e honrado, o rio da vida⁶”. Na verdade, o que no caso do marquês se afigurava mais censurável ao espírito cortesão da época era a exposição, à luz crua da indiscrição pública, da promiscuidade sexual interclassista (a par da prostituição e do abuso de menores desfavorecidos de ambos os sexos), consistente no

1 HOWES, Robert, “Cartoon And Literary Images of Homosexuality in Nineteenth-Century Portugal”, in *Depicting Desire. Gender, Sexuality and the Family in Nineteenth-Century Europe: Literary and Artistic Perspectives*, Rachael Langford (ed.), Peter Lang Bern A.G., 2005, p. 133-147 e Robert Howes, “Concerning the Eccentricities of the Marquis of Valada: Politics, Culture and Homosexuality in Fin-de-Siècle Portugal”, *Sexualities*, vol. 5, nº 1, 2002, p. 25-48.

2 CUROPOS, Fernando, *L'émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise (1875-1915)*, Paris, L'Harmattan, 2016.

3 MONTEIRO, Arlindo Camilo, *Amor sáfico e socrático*, Lisboa, Separata dos Arquivos do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, 1922, p. 189.

4 BRANDÃO, Raul, *Memórias*, vol. II, Lisboa, Perspectivas & Realidades, s/d., p. 184-185.

5 AGUIAR, Asdrúbal de, *Sexologia forense*, Lisboa, Empresa Universidade Editora, 1941, p. 767.

6 ORTIGÃO, Ramalho, “Um tolerado”, *O António Maria*, 11 de Agosto de 1881, p. 250. Nas notas seguintes, a referência a *O António Maria* será substituída pela sigla AM.

contacto com um soldado, membro de uma corporação cujas baixas patentes eram então socialmente desclassificadas: “este indivíduo era pessoa altamente conceituada nos meios políticos. Foi parlamentar de destaque. Era um acérrimo admirador de certos indivíduos de baixa categoria social – marinheiros e soldados especialmente. [...] Tornou-se por isso objecto de crítica mordaz...” [...] “da parte dum semanário humorístico e caricatural da época e também da veia cómica e poética de certo autor dramático de então”⁸. Trata-se de uma das primeiras peças da tradição portuguesa do teatro de revista, inspirada pelas caricaturas de Bordalo Pinheiro, tendo precisamente o mesmo título do jornal satírico *Pontos Nos ii*⁹ (doravante: *PNii*), por ele criado para substituir o outro jornal – *O António Maria*¹⁰ (doravante: *AM*) – nos quais caricaturou assiduamente o marquês de Valada. A revista, que satirizou várias figuras políticas da época, é da autoria de Júlio Rocha e Baptista Machado e musicada por Rio de Carvalho¹¹, teve mais de duzentas récitas entre 1885 e 1887 no Teatro Chalet Dramático da rua dos Condes e dela se publicou um caderno volante com as músicas, *Alho, Alho, Caracol e Couve*¹², compulsada por Curopos¹³. Em acirrada invetiva ao teatro de revista, Fialho de Almeida, escritor que é dos primeiros a tratar do tema da homossexualidade sem, todavia, nunca assumir a sua própria vida privada em público, assinala que:

os revisteiros d’esta categoria subalterna que mais teem agrado no genero, são os que como homens de letras menos cotação teem na republica intellectiva [...] Os resultados d’estas degenerescencias são patentes, e a vergonhosa anarchia do gosto publico, a preferencia dos assumptos crapulosos em matéria de revistas teem posto as coisas num pé de resvalo, de onde não é facil sahir sem uma campanha formal de sanidade. [...] o marquez de Vallada [...] de bailarina [...] – todas as ignomínias d’uma vida! particular, suppostas ou verdadeiras, que a infamia anonyma subentende e suggere nos jornaes de *chantage* política, acerca dos homens publicos da terra, tudo isto era a *chair à canon* da asquerosissima hecatombe [...] cahindo na legenda latrinaria por homenagem ás ruins paixões da corja vingativa, ávida d’exautorações sanguinarias, e irresponsável como toda a multidão desorientada¹⁴.

A sátira revisteira terá mesmo constituído um dos motivos da retaliatória promulgação, em 7 de Abril de 1890, da detestada lei Lopo Vaz¹⁵, do patronímico do Ministro da Justiça.

7 AGUIAR, Asdrúbal de, *Sexologia forense*, op. cit., p. 540.

8 ID, “Evolução da pederastia e do lesbismo na Europa. Contribuição para o estudo da inversão sexual”, *Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. XI, 1926, p. 242.

9 *Pontos nos ii* (1885-1891). Nas notas subsequentes, a referência a *Pontos Nos ii* será substituída pela sigla *PNii*.

10 *O António Maria* (primeira série: Junho de 1879 a Janeiro de 1885; segunda série, Março de 1891 a Julho de 1898).

11 LOPES, Maria Virgílio Cambraia, *Rafael Bordalo Pinheiro. Imagens e memórias de teatro*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013, p. 131.

12 ROCHA, Júlio, Baptista Machado e Rio de Carvalho, *Alho, Alho, Caracol e Couve: Almanach para 1887*, Contendo todos as coplas, coros e duetto da aplaudidíssima revista *Pontos nos ii*, Lisboa, Imprensa Minerva, 1886.

13 CUROPOS, Fernando, *L’émergence de l’homosexualité...*, op. cit., p. 27.

14 ALMEIDA, Fialho de, *Actores e autores (Impressões de teatro)*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1925, p. 78-80.

15 *Ibid.*, p. 70, 79, 81, 84.

Rapidamente rotulada por intelectuais e jornalistas como a “lei da rolha”, ela passou a proibir a menção a pessoas reais nas peças de teatro e, no mundo da imprensa, inaugurou uma época de censura¹⁶, pela qual Bordalo Pinheiro não deixou de atribuir¹⁷ ao marquês de Valada a sua quota-parte de responsabilidade¹⁸.

Expulsos para os *bas fonds* da marginalidade social, nos espaços semi-clandestinos dos prostíbulos e das *garçonnières*, bem como no engate de rua, os contactos sexuais interclassistas eram um segredo conhecido de que bem cientes estavam a polícia e a medicina forense¹⁹, como amplamente o demonstram as obras médico-forenses de Asdrúbal de Aguiar e de Arlindo Camilo Monteiro. De resto, pouco tempo antes do escândalo, o marquês já tinha sido acusado de proteger indevidamente indivíduos marginais seus conhecidos, apanhados numa rusga policial e cuja soltura tinha pressionado²⁰. Camilo Monteiro²¹ parece sugerir inclusivamente que não teria sido a primeira vez que Valada tinha sido surpreendido em flagrante a ceder aos avanços de um prostituto de rua. Acontece que a gravidade da transgressão é tanto maior quando sobrepõe o atentado contra os costumes e a abolição das diferenças sociais, mormente no caso da inversão de hierarquias em que o superior cede ao inferior numa relação degradante. Tal desrespeito pela manutenção calculada, dúplice e armarizada das conveniências sociais é o que em Portugal impede a hipocrisia informal de conceder a sua proteção tácita às perversões aristocráticas. Só então – quando é posto em causa o que verdadeiramente conta – se encontram reunidas as condições necessárias à eclosão de um verdadeiro escândalo. No que deve ser entendido como a primeira conclusão do presente estudo, este será o verdadeiro ponto em comum entre o marquês de Valada e o barão D. Sebastião Pires de Castro e Noronha, personagem principal do romance *O barão de Lavos* (1891), de Abel Botelho²², que efetivamente não terá estado na origem desta obra, ao contrário do que aponta Howes e que Curopos²³ justamente contesta. A associação entre o tema do livro de Botelho e o escândalo de Valada não deixou de ser prontamente feita por Bordalo, porém²⁴, facto que Howes²⁵ finamente discerne, notando que as caricaturas do marquês publicadas após o surgimento daquele livro lhe acentuam cada vez mais a efeminação típica de um espécime patológico, o invertido sexual.

Na verdade, a detenção do marquês apenas tem lugar no contexto da perseguição que lhe movia o Conselheiro António Maria Barreiros Arrobas, então governador civil de Lisboa e máximo responsável pela ordem pública na cidade, que lançou mão daquele instrumento à sua disposição para disso colher dividendos pessoais no quadro de fundo da intriga política que os opunha²⁶. Sempre

16 MATOS, Álvaro Costa de, “A rolha... Política e imprensa na obra humorística de Rafael Bordalo Pinheiro”, in *A rolha Bordalo. Política e imprensa na obra humorística de Rafael Bordalo Pinheiro*, Álvaro Costa de Matos (ed.), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2005, p. 17.

17 AM de 1/04/1880, p. 109; AM de 8/04/1880, p. 120-121; AM de 14/07/1881, p. 217.

18 MATOS, Álvaro Costa de, “A rolha ...”, *op. cit.*, p. 35, 36-37.

19 HOWES, Robert, “Concerning the Eccentricities...”, *op. cit.*, p. 32.

20 FERNANDES, Paulo Jorge, *Mariano Cirilo de Carvalho: o “poder oculto” do liberalismo progressista (1876-1892)*, Lisboa, Leya, 2010, p. 150; CUROPOS, Fernando, *L'émergence de l'homosexualité...*, *op. cit.*, p. 25.

21 MONTEIRO, Arlindo Camilo, *Amor sáfico e socrático*, *op. cit.*, p. 192-193.

22 BOTELHO, Abel, *O barão de Lavos* [1891], Lisboa, Livros do Brasil, 1981

23 CUROPOS, Fernando, *L'émergence de l'homosexualité...*, *op. cit.*, p. 25.

24 AM, 2/07/1891, p. 137.

25 HOWES, Robert, “Concerning the Eccentricities...”, *op. cit.*, p. 41-42.

26 *Ibid.*, p. 26; Arlindo Camilo Monteiro, *Amor sáfico e socrático*, *op. cit.*, p. 189.

protegido pelas suas ligações ao mais alto nível do sistema, a nomeação de Valada como governador civil do distrito de Braga lança-o para o meio de um feroz conflito autonómico entre essa cidade e a vizinha Guimarães, cujo controle lhe escapava por completo. Tanto constituiu também cavalo-de-batalha de disputas político-partidárias, ilustradas pela intervenção parlamentar do deputado Emídio Navarro²⁷, que vituperou a nomeação do marquês, apelidando-o de “elemento dissolvente”, e de “instigador da desordem”, um “homem que devia reputar-se perpetuamente inutilizado para exercer um cargo publico²⁸”, terminando a exigir ao primeiro-ministro que “varra esse lixo!²⁹”. O caso Valada muito deve à venenosa violência simbólica do caudal de caricaturas que Bordalo Pinheiro prolongou anos a fio até à morte do marquês, “que será sua « bête noire » permanente³⁰”. Profusamente recheada de imagens familiares ao público da época, e que não seriam de molde a ferir-lhe demasiado a sensibilidade, mas que atualmente associaríamos de imediato ao anti-semitismo, à misoginia machista, ao racismo, ao colonialismo e, evidentemente, à homofobia e à lesbofobia, a caricatura de Bordalo Pinheiro prodigaliza-nos do marquês de Valada uma galeria de retratos de uma criatura lastimável, torpe, repulsiva e ridícula, completamente dominada pelos automatismos dos seus irresistíveis impulsos libidinosos – uma imagem que haveria de se espriar durante muito tempo no imaginário português como signo icónico dos homens homossexuais:

A caricatura homofóbica [...] é uma “difamação”, faz alusão à injúria, inscreve-se no horizonte da injúria e faz apelo aos esquemas mentais que permitem fazer rir a propósito dos homossexuais. [...] Faz “alusão” à condenação imemorial da homossexualidade e conseqüentemente aponta para toda a violência social, cultural, política e jurídica de que os *gays* são objeto. Mas não se exerce apenas contra os indivíduos troçados na sua pessoa [...], ela pretende dizer a “verdade” objetiva de um grupo inteiro sob a lente ampliadora que estende ao leitor ou ao espectador a imagem humorística³¹.

Neste sentido, as caricaturas de Bordalo Pinheiro devem ser consideradas uma componente fundamental da construção social do homossexual moderno, juntamente com a *scientia sexualis* que confere à perceção pública da homossexualidade e dos homossexuais uma retórica (pseudo) científica. Discurso sexológico, médico-forense, narrativa literária e mediática e imagética caricatural compõem aquela que será a face reconhecível do homossexual. Será esta a segunda conclusão do presente estudo, que confirma e aprofunda o que já adiantaram Howes e Curopos nos textos que nos têm vindo a servir de suporte. Por sua vez, aquela construção pode ser sintetizada na ideia da inversão das características de género, o que remete para uma terceira conclusão, no final do nosso texto.

Identificável desde os primeiros meses de 1880 no *AM*, a figura do marquês de Valada consolida os traços característicos que passarão a representá-lo a partir da edição de 1/04/1880 nas

27 HOWES, Robert, “Concerning the Eccentricities...”, *op. cit.*, p. 28.

28 CÂMARA DOS SENHORES DEPUTADOS DA NAÇÃO PORTUGUEZA, *Debates parlamentares. Sessão de 25 de Janeiro de 1886*, Lisboa, Assembleia da República, 1886, p. 183

29 *Ibid.*

30 FRANÇA, José Augusto, *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal Qual*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007, p. 83.

31 ERIBON, Didier, *Réflexions sur la question gay*, Paris, Fayard, 1999, p. 106. Tradução nossa.

peças “Casos parlamentares” e “A seta recalitrante³²”: pernas cambas e pés metidos para dentro, bigode farfalhudo e queixo erguido, postura curvada e careca parcialmente coberta por cabelos repuxados e encaracolados sobre a nuca, “a sua melena desgrenhada e as suas mãos bulideiras³³” espalmadas, de dedos ossudos e retorcidos³⁴, sendo os dedos comparados a tentáculos de uma hidra³⁵. Muito frequentemente, a sua figura é apenas sugerida, mas imediatamente reconhecível, pela apresentação de apenas um destes traços identificativos, o mais das vezes as mãos: “aquelas mãos características, cheias de nodosidades, retorcidas e deformadas como um galho sêco³⁶”. Ao mesmo tempo, no entanto, as caricaturas faziam já insinuações subtis à sua conhecida vida privada. Na peça “A lenda do bailio, ou o terror do jornalismo luso (Historia para creanças e soldados)”, inserta no *AM* de 8/04/1880³⁷, entre outros políticos, o marquês canta loas ao então primeiro-ministro, insinuando-se que este é “patrona de comendas”³⁸. No *AM* de 27/07/1880 (p. 248-249), uma história em quadradinhos alude claramente aos hábitos sexuais do marquês associando-o ao controverso filólogo e pedagogo Augusto Epifânio da Silva Dias, que compara a Herodes, assassino de crianças, com o qual desce ao Terreiro do Paço, lugar de engate, perguntando: “Quantos meninos *epiphanou* hoje?”³⁹. No *AM* de 25/11/1880⁴⁰ – “Homem ou mulher?”, o sempre sobredimensionado traseiro é comparado ao de uma mulher. No *AM* de 16/12/1880, é posto a dar “o beijo fraternal da nobreza”⁴¹ a um recém-admitido na câmara dos pares. No *AM* de 24/02/1881, é representado com um ar efeminado, de lenço ou flor vermelha na lapela⁴², e, logo a seguir, aparece como bailarina de tutu⁴³. No *AM* de 19/05/1881⁴⁴, em crítica à nomeação como vice-governador civil de Lisboa, pode ver-se uma gigantesca sola de sapato apontada ao seu traseiro desmesurado. Após a revelação do primeiro caso de polícia, as referências à sua sexualidade tornam-se ostensivas: no *AM* de 28/07/1881⁴⁵, o marquês, doravante acintosamente apelidado de “o Bailio de Malta” na peça “O commissario da policia e o Bailio de Malta”, tenta arrancar um marginal das garras da polícia. Sob o título “Um Marquês”, o tema será novamente glosado no *AM* de 25/08/1886: “No Rossio – ouvi dizer [...] – Ninguem transita sem ser/ – O’ goso extremo! Ó prazer!” – / Apalpado pela policia⁴⁶”.

O definitivo ponto de viragem qualitativa na caricatura do marquês ocorre porém com a sua detenção em flagrante a 6 de Agosto de 1881, logo aproveitada por Bordalo Pinheiro que nunca

32 *AM* de 1/04/1881, p. 92, p. 109 e p. 115; Maria Virgílio Cambraia Lopes, *Rafael Bordalo Pinheiro, op. cit.*, p. 242.

33 FRANÇA, José Augusto, *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal Qual, op. cit.*, p. 94.

34 *AM* de 13/05/1880, p. 157; *AM* de 30/12/1880, p. 428; *AM* de 13/01/1881, p. 15; *AM* de 17/02/1881, p. 54.

35 *AM* de 1/04/1880, p. 56; *AM* de 31/03/1881, p. 103; *AM* de 7/07/1881, p. 211 e p. 216; *AM* de 8/06/1882, p. 182.

36 MONTEIRO, Arlindo Camilo, *Amor sáfico e socrático, op. cit.*, p. 189.

37 *AM* de 8/04/1880, p. 120-121 e p. 124.

38 FRANÇA, José Augusto (org.), *Raphael Bordallo Pinheiro. Caricaturista político*, Lisboa, Terra Livre, 1976, p. 71.

39 *AM* de 27/07/1880, p. 248-249; José Augusto França, *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal Qual, op. cit.*, p. 112.

40 *AM* de 25/11/1880, p. 387.

41 *AM* de 16/12/1880, p. 410.

42 *AM* de 24/02/1881, p. 57.

43 *Ibid.*, p. 60-61.

44 *AM* de 19/05/1881, p. 160.

45 *AM* de 28/07/1881, p. 239.

46 *AM* de 25/09/1886, p. 270.

mais deixa de abocanhar o imenso filão que a história lhe proporciona. A edição imediatamente seguinte do *AM* de 11/08/1881 é-lhe quase toda dedicada: na rubrica “O laço – O que caíu e o que o armou⁴⁷” ele é visto a ser “pescado” do interior de uma latrina pelo Conselheiro Arrobas, seu denunciante, na presença de um soldado “de olhar terno e lorpa, de mão no nariz, a outra com anéis espalmada sobre a cintura, cingida num espartilho, de modo a pôr no relevo de exagerada proeminência os peitorais e as nalgas adiposas, com sapatos de mulher⁴⁸”. Segue-se-lhe o texto de Ramalho Ortigão anteriormente citado, “Um tolerado⁴⁹” (termo que designava as mulheres detentoras de uma matrícula policial que lhes permitia exercer legalmente o meretrício) e uma banda desenhada que relata a detenção do marquês, o qual, não podendo ser preso na sua qualidade de membro da Câmara alta do parlamento, fica condenado a carregar para sempre um soldado às costas⁵⁰. A cena da captura do marquês pela brigada policial⁵¹ surge em “O jogo das escondidas” e numa última *charge* intitulada “À altura da gravidade das circunstâncias”, onde se vê o largo traseiro do marquês a agigantar-se por detrás de uma guarita com o título “Projetos de reformas. Uma casa da guarda⁵²”. Depois é um festim, que nem sequer vamos exaurir: Valada de bailarina de trupe circense no desmanchar da feira eleitoral – “As eleições em Lisboa⁵³”. Entre políticos figurados com legendas denunciadoras, ele é o “Immoral⁵⁴” que, noutra imagem com o mote de “O que fez o medo” no *AM* de 21/01/1888⁵⁵, mija sobre outros políticos⁵⁶. Às rédeas de uma biga alada puxada por dois soldados e anunciado por vários efébos-anjos, a legenda joga com a técnica da pintura a fresco e o mesmo termo que em calão alude a pervertido sexual: “Isto consente-se em tempo de epidemia!!! Este *fresco* é para ornar o palácio do governo civil e deve ser visto por um canudo⁵⁷”. Ou então debruçado com “aprazimento” sobre as costas nuas de um dos soldados que em total penúria esperam em vão que lhes substituam os fardamentos no fio⁵⁸.

Factos que parecem particularmente repugnantes merecem a Bordalo a mais áspera censura, como o diploma atribuído pelo ministro Barjona de Freitas, que faz abrir a página de rosto dos *PNii* de 22/10/1885 com a legenda “Esta página é dedicada à « porcaria » Vallada⁵⁹” com uma figura a tapar o nariz com ambas as mãos. A figura do marquês é entrecruzada com acontecimentos e pessoas, para com eles estabelecer relações de porosidade semântica que possibilitem a (des)qualificação recíproca. O primeiro é o caso da rua do Trombeta⁶⁰, local de sequestro de dois jovens, filhos

47 *AM* de 11/09/1881, p. 249.

48 MONTEIRO, Arlindo Camilo, *Amor sáfico e socrático*, *op. cit.*, p. 189.

49 *AM* de 11/08/1881, p. 250-251.

50 *Ibid.*, p. 252-253.

51 *Ibid.*, p. 255.

52 *Ibid.*, p. 256.

53 *AM* de 3/07/1884, p. 212-213; José Augusto França (org.), *Raphael Bordallo Pinheiro. Caricaturista político*, *op. cit.*, p. 27; José Augusto França, *Rafael Bordallo Pinheiro. O Português Tal Qual*, *op. cit.*, p. 105.

54 *PNii* de 7/05/1885, p. 8; Álvaro Costa de Matos, “A rolha ...”, *op. cit.*, p. 61.

55 *AM* de 21/01/1888, p. 11.

56 FRANÇA, José Augusto, *Rafael Bordallo Pinheiro. O Português Tal Qual*, *op. cit.*, p. 151; Álvaro Costa de Matos, “A rolha ...”, *op. cit.*, p. 191.

57 *PNii* de 13/08/1885, p. 116-117; José Augusto França, *Rafael Bordallo Pinheiro. O Português Tal Qual*, *op. cit.*, p. 151.

58 *PNii* de 10/09/1885, p. 150.

59 MONTEIRO, Arlindo Camilo, *Amor sáfico e socrático*, *op. cit.*, p. 191.

60 CUROPOS, Fernando, *L'émergence de l'homosexualité...*, *op. cit.*, p. 32-34; Robert Howes, “Concerning the Eccentricities...”, *op. cit.*, p. 29.

de acrobatas brasileiros em *tournée*, como escravos sexuais e situado nas proximidades da travessa da Espera no mesmo Bairro Alto onde Valada tinha sido detido; o segundo é o caso do alferes Marinho da Cruz⁶¹, assassino do militar seu amante em 1886, julgado por duas vezes e condenado a prisão seguida de degredo, após a defesa e a psiquiatria forense terem perdido a causa da sua inimputabilidade penal com base no diagnóstico de “epilepsia larvada”, que tanto explicaria o homicídio como a sua homossexualidade. A repercussão deste conjunto de casos – Valada, rua do Trombeta, Marinho da Cruz – foi enorme à época. O caso da rua do Trombeta conota a degradação de políticos como Valada no *AM* de 3/04/1884, numa peça justamente intitulada “A trombeta de Jericó”, e nos *PNii* de 5/08/1886⁶² que liga o primeiro-ministro Fontes ao caso, sem relação com Valada. Já nos *PNii* de 22/07/1886, oferecem-se ao leitor retratos em medalhão dos implicados no caso Trombeta, para que descubra entre eles uma pessoa conhecida, o marquês, o qual, de trombeta na boca, se mostra ultrajado quando é confrontado com a existência de um rival: “O que é! Um rival pela frente?!... ESPERA... que eu já te arranjo! Vou tocar à chamada, e depois veremos quem é o maior trombeteiro d’estes reinos...⁶³”. A peça “Epilepticos larvados” mostra Valada enjaulado com outros políticos, comparando-os ao louco homicida Marinho da Cruz, pelo que devem ser sequestrados “pois à sociedade, mettendo-os n’uma jaula e expondo à vista do publico o letreiro preventivo: « Cautela com estes animaes »!⁶⁴”.

Noutro tipo de situações, a associação a Valada serve para insinuar a identidade sexual dos visados. À cabeça, a jornalista e escritora Guiomar Torresão, a quem Bordalo nunca perdoou que tivesse criticado a revista, é repetidamente alvo de imagens denegridoras e por duas vezes associada explicitamente a Valada. No *AM* de 21/02/1884 – “Carnaval permanente” – emoldurados lado a lado até meio corpo, a metade inferior trocada, ele com as saias dela e ela travestida de calças: “bom par que reúnes / o Entrudo de todo o ano⁶⁵”. No *AM* de 17/07/1884, um manequim feminino em *toilette* de zinco, “à sr. Marquez de V...”, com um funil na parte de trás para nele se poder vazar desinfetante e o seu correspondente masculino, “à marquezia de P...”, em idêntica indumentária, mas que “é obrigada a esporas e chicote⁶⁶”, numa clara alusão às presumíveis práticas sádicas de Torresão, de resto insinuadas por Asdrúbal de Aguiar⁶⁷, que as identifica como estigma patente de lesbianismo virilizado. Também a desconfiança relativamente à ascensão política do historiador Oliveira Martins suscita um comentário mordaz na peça “Tudo aos pares” dos *PNii* de 10/06/1887: “(na) alta nobreza já temos bailios de Malta aos pares – pelo que não damos os parabéns ao bailio de mais moderna data⁶⁸”. Mais incisiva ainda, a associação do escritor e polemista Heliodoro Salgado, visto “de braço dado com o Valada, por idênticos gostos e costumes⁶⁹” no *AM* de 26/08/1893 – “A Heliodoro Salgado⁷⁰”, para reforçar a acusação explícita de sodomia dirigida àquele⁷¹. Muito mais tarde ainda, o político

61 CUROPOS, Fernando, *L'émergence de l'homosexualité...*, *op. cit.*, p. 34-36; Robert Howes, “Concerning the Eccentricities...”, *op. cit.*, p. 31-32.

62 *AM* de 3/04/1884, p. 109 e *PNii* de 5/08/1886, p. 528.

63 *PNii* de 22/07/1886, p. 519; Robert Howes, “Concerning the Eccentricities...”, *op. cit.*, p. 139.

64 *PNii* de 14/07/1887, p. 220-221.

65 *AM* de 21/02/1884, p. 64; José Augusto França, *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal Qual*, *op. cit.*, p. 112; Maria Virgílio Cambraia Lopes, *Rafael Bordalo Pinheiro*, *op. cit.*, p. 215.

66 *AM* de 17/07/1884, p. 227.

67 AGUIAR, Asdrúbal de, “Evolução da pederastia e do lesbianismo...”, *op. cit.*, p. 265.

68 *PNii* de 10/06/1887, p. 180-181.

69 FRANÇA, José Augusto, *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal Qual*, *op. cit.*, p. 193.

70 *AM* de 26/08/1893, p. 143.

71 MONTEIRO, Arlindo Camilo, *Amor sáfico e socrático*, *op. cit.*, p. 211.

Carlos Lobo de Ávila, pejorativamente conhecido como “Carlotinha”, é caricaturado junto a Valada, ambos em travesti, na revista *O Micróbio* de 21/02/1895 – “O caso da semana: Página muda – *Honni soit qui mal y pense*”⁷²; e por mais do que uma vez, em texto (*O Micróbio*, 29/07/1894)⁷³ e em imagem (*O Micróbio*, 14/10/1894; “Sans-gêne...”, *O Micróbio*, 7/02/1895; “Phosphoros que se accendem e apagam. A propósito do monopólio dos ditos e de coisas e tal...”, *O Micróbio*, 21/03/1895)⁷⁴. Valada continua a ser caricaturado nesta publicação com os traços físicos que já lhe tinha atribuído Bordalo⁷⁵. Do mesmo modo, o escândalo da descoberta de um bordel masculino na londrina Cleveland Street em 1889 inspira a identificação de Valada com o primeiro-ministro inglês Lord Salisbury, no auge da revolta popular contra o *Ultimatum* inglês de 1890. O marquês aparece vestido de John Bull a assediar um jovem com a legenda “Em Claveland-Street” [sic] nos *PNii* de 6/02/1890⁷⁶; e da mesma maneira nos *PNii* de 13/02/1890 (“Errata aos prazeres de Cleveland Street”): “Quando se lê este senhor [Valada]... Leiam-se estes patifes” (os políticos ingleses figurados com as características físicas do marquês). Valada e a cedência às exigências da Inglaterra são assimilados a uma mesma desonra nacional devida à degenerescência das elites sobre o pano de fundo de “*finis patriae*”⁷⁷. A perseguição ao homem prossegue até ao seu desaparecimento: “o marquês de Valada, [...] em 1893 é mostrado, num desprezo final, como « o grande moralizador marquês do Cacu-Rachado »”⁷⁸ e ainda surge no *AM* de 23/06/1893⁷⁹.

Em contrapartida, o episódio Braga-Guimarães terá feito expandir a caricaturização do marquês à imprensa satírica do Norte do país, e, como bem o notou Curopos⁸⁰, nomeadamente à revista *Maria Rita* (1885-1886), que retrata Valada empalado numa roca de fiar manejada por políticos, numa óbvia alusão sexual⁸¹ e num gesto agressivo de frigideira em punho⁸². Publicada ela na nortenha cidade do Porto, terá presumivelmente sido também aí dado à estampa um livrinho intitulado *O fim do mundo! O julgamento da Rua de Traz no Tribunal da 5ª vara*, sem indicação de local de edição, nem data, e assinado pelo significativo pseudónimo de Dr. César Pensabundo⁸³, que, no estado atual da pesquisa, não será desrazoável associar a um dos colaboradores daquela revista. Documento raríssimo e até hoje completamente ignorado pelos autores que trataram o caso Valada, é um verdadeiro monumento à história da homofobia lusa. Referindo-se diretamente ao marquês, ele ficciona porém um julgamento deste na cidade do Porto, na sequência da sua prisão em flagrante numa cena de engate na Praça da Cordoaria, até hoje notório local de encontros furtivos de homens

72 *O Micróbio* de 21/02/1895, p. 52-53; Fernando Curopos, *L'émergence de l'homosexualité...*, op. cit., p. 41, p. 266.

73 *O Micróbio* de 29/07/1894, p. 27.

74 *O Micróbio* de 14/10/1894, p. 108; *O Micróbio* de 7/02/1895, p. 33; *O Micróbio* de 21/03/1895, p. 76.

75 *O Micróbio* de 14/10/1894, p. 107; *O Micróbio* de 8/11/1894, p. 152.

76 *PNii* de 6/02/1890, p. 46; José Augusto França, *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal Qual*, op. cit., p. 151.

77 *PNii* de 13/02/1890, p. 51.

78 *AM* de 14/01/1893, p. 4, p. 10; José Augusto França, *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal Qual*, op. cit., p. 190.

79 *AM* de 23/06/1893, p. 105.

80 CUROPOS, Fernando, *L'émergence de l'homosexualité...*, op. cit., p. 26 e p. 261.

81 *Maria Rita*, nº 29, de 23/01/1886.

82 *Maria Rita*, nº 22, de 10/10/1885; Disponível em: <AAVV, <http://araduca.blogspot.pt/2008/01/uma-bernarda.html>>. [18/07/2018].

83 PENSABUNDO, Dr. César, *O fim do mundo! O julgamento da Rua de Traz no Tribunal da 5ª vara*, s/l, Edição de Autor, s/d.

que têm sexo com homens. O opúsculo proclama logo de início as suas intenções: “O auctor só uma coisa pede: é que no espectáculo em questão não vise o respeitável público um homem – esse bem castigado está – [...] olhe de mais longe, e veja apenas, no banco dos réus, um hediondo vício. O actual processo não é o processo d’um certo homem, é o processo do tal vício⁸⁴”. E principia: “Na Cordoaria andava um *Anus*⁸⁵”. Algures no texto, refere que se trata de uma pessoa nobre de alto nascimento, sendo o seu pseudónimo José Joaquim da Silva. Além da abjeção consubstanciada na depreciação absoluta da analidade, expressa na injúria – e que já era omnipresente nas caricaturas bordalianas⁸⁶ – Valada é identificado pela sua percebida inversão da identidade de género e assim assimilado ao sexo feminino, ele próprio já afetado por uma inferiorização essencial: “Como odeio estas calças! Quem me déra umas saias e uma camisa longa de mulher! [...] Sou um *Anus* e quero ser uma vagina! Uma vagina, sim!⁸⁷”. Com efeito, o que há de maximamente grave na homossexualidade de um homem é, entre outros traços percebidos, constituir ela uma forma tão iniludível quanto irretirável de rebaixamento ao feminino. Para carregar nas tintas de forma a obter um verdadeiro cúmulo de estereótipos negativos e preconceitos sociais que à época gozavam de pleno vigor, o visado é posto a engatar alguém já por si objeto, também cumulativamente, de hipersexualização identitária, discriminação xenófoba e exclusão étnica: um homem negro brasileiro, cujo “caráter” logo o émulo de Valada se põe a avaliar, apalpando-lhe a avantajada dotação, só para comprovar. Acontece que se trata de uma armadilha para apanhar incautos e ele é de imediato levado a julgamento, em tudo caricatural. Juiz e demais personagens do tribunal são descritos como criaturas ferozes e brutas e o cenário é mais próprio de um linchamento público a que assiste uma multidão ululante que ruge, ávida de curiosidade e congestionada de indignação: “*fóra o monstro! Lynche-se! Fulmine-se o monstro!*⁸⁸”. Diz o acusador:

Temos alli um réu. Aquelle réu é um Anus personificado. Debaixo d’aquelle Anus está uma cadeira, sobre a qual immerecidamente elle se assenta. Debaixo d’aquella cadeira, plenamente cheio de solidos e líquidos, um penico symbolico. [...] Pois aquella penico é um symbolo, com *caca* e tudo. O penico representa o uso nefando que o reu desejava fazer do seu corpo. O que está dentro – o *chichi* e a *caca* – significa com os seus nauseabundos aromas, as tendências cloacinas dos seus prazeres. *Fedet; non fodet*⁸⁹.

Ora, a abjeção escatológica sempre constituiu um *topos* recorrente na retórica homofóbica, igualmente abundante nos signos icónicos que as caricaturas bordalianas constituem e agora na ordem de indexicalidade mobilizada pelo discurso deste estranho opúsculo. O juiz faz as perguntas retóricas finais, e inquire a rematar: “Está ou não provado que o réu tende para o ... *valladismo*? – Sim, por unanimidade⁹⁰”. Particularmente relevantes e exemplificativas são as considerações finais:

84 *Ibid.*, p. 1.

85 *Ibid.*, p. 3.

86 HOWES, Robert, “Concerning the Eccentricities...”, *op. cit.*, p. 36, 41; *Ibid.*, “Cartoon And Literary Images of Homosexuality...”, *op. cit.*, p. 140.

87 PENSABUNDO, Dr. César, *O fim do mundo!...*, *op. cit.*, p. 4.

88 *Ibid.*, p. 11.

89 *Ibid.*, p. 18-19.

90 *Ibid.*, p. 39.

Dezenove seculos de pensamento, locubrando sempre, n'uma febre doida, parva de illusões de lucta, de ideal, para chegar-se a esta mentira torpe: – a matéria não é impenetrável! Tremendo sopapo este p'ra sciencia! E a moral? Que será della, d'essa eterna prostituta de todos os tempos? Reu! Mísero! Pensaste n'isto? [...] O teu crime é a máxima das monstruosidades humanas, porque inverte, desordena e confunde todas as instituições humanas, lançando n'uma via ridícula e degradante toda a evolução social. [...] a equiparação da mulher ao homem na missão de governar o mundo conquistariam o maior dos absurdos, se o teu vicio se transformasse em instituição e o teu peccado se convertesse na ideia de um partido revolucionario. Seria verdadeiramente o fim do mundo! Trocadas as funções genesiacas, appassivada a humanidade masculina, pela corrupção dos prazeres sensuaes, não mediaría mais que um passo pr'a ridícula emancipação de mulher, que [...] tem de ser a eterna escrava do marido, do pae, dos filhos e dos amantes!⁹¹

O livro termina com um excursão histórico do qual o narrador infere que: “A historia do vicio está feita lá fora em quasi todos os paizes. Em Portugal é que não. Pena é, porque a nossa Pederastia Nacional é gloriosissima⁹²”. Na sequêncía da documentação que o presente texto convoca, e mormente deste último documento, é-nos enfim dado subscrever a conclusão já adiantada por Howes, à luz da qual as caricaturas de Valada dão testemunho de uma progressiva identificação latamente cultural da homossexualidade e dos homossexuais com a inversão das caraterísticas de género, representada como degradação à feminilidade. Operada tanto pela imagem mediática e a retórica da *scientia sexualis* como pelas perceções populares, ela fica patente no opúsculo aqui estudado, que assim constitui um elemento essencial da contrapartida nacional de um fenómeno que, nos países anglófonos, costuma considerar-se que tem por eixo o processo de Oscar Wilde⁹³, com muito marcante receção também na literatura e na cultura portuguesa até ao final da década de 1920⁹⁴. Se mais eloquente prova faltasse, ínvia e furtivamente a fornece o Dr. Pensabundo.

Bibliografia

AAVV, *Memórias de Araduca* (Blog). 18 de julho de 2018 <<http://araduca.blogspot.pt/2008/01/uma-bernarda.html>>.

AGUIAR, Asdrúbal de, *Sexologia forense*, Lisboa, Empresa Universidade Editora, 1941.

—, “Evolução da pederastia e do lesbismo na Europa. Contribuição para o estudo da inversão sexual”, *Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. XI, 1926, p. 335-620.

⁹¹ *Ibid.*, p. 42-43.

⁹² *Ibid.*, p. 46.

⁹³ HOWES, Robert, “Concerning the Eccentricities...”, *op. cit.*, p. 44.

⁹⁴ CUROPOS, Fernando, *L'émergence de l'homosexualité...*, *op. cit.*, p. 19-24.

- ALMEIDA, Fialho de, *Actores e autores (Impressões de teatro)*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1925.
- BOTELHO, Abel, *O barão de Lavos* [1891], Lisboa, Livros do Brasil, 1981
- BRANDÃO, Raul, *Memórias*, vol. II, Lisboa, Perspectivas & Realidades, s/d.
- CÂMARA DOS SENHORES DEPUTADOS DA NAÇÃO PORTUGUEZA, *Debates parlamentares. Sessão de 25 de Janeiro de 1886*. Lisboa: Assembleia da República, 1886. 18 de julho de 2018 <<http://debates.parlamento.pt/catalogo/mc/cd/01/01/01/015/1886-01-25/175>>.
- CUROPOS, Fernando, *L'émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise (1875-1915)*, Paris, L'Harmattan, 2016.
- ERIBON, Didier, *Réflexions sur la question gay*, Paris, Fayard, 1999.
- FERNANDES, Paulo Jorge, *Mariano Cirilo de Carvalho: o "poder oculto" do liberalismo progressista (1876-1892)*, Lisboa, Leya, 2010.
- FRANÇA, José Augusto, *Rafael Bordalo Pinheiro. O Português Tal Qual*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007.
- (org.), *Raphael Bordallo Pinheiro. Caricaturista político*, Lisboa, Terra Livre, 1976.
- HOWES, Robert, "Cartoon And Literary Images of Homosexuality in Nineteenth-Century Portugal", in *Depicting Desire. Gender, Sexuality and the Family in Nineteenth-Century Europe: Literary and Artistic Perspectives*, Rachael Langford (ed.), Bern, Peter Lang A.G., 2005, p. 133-147.
- , "Concerning the Eccentricities of the Marquis of Valada: Politics, Culture and Homosexuality in Fin-de-Siècle Portugal", *Sexualities*, vol. 5, n° 1, 2002, p. 25-48.
- LOPES, Maria Virgílio Cambraia, *Rafael Bordalo Pinheiro. Imagens e memórias de teatro*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.
- MATOS, Álvaro Costa de, "A rolha ... Política e imprensa na obra humorística de Rafael Bordalo Pinheiro", in *A rolha Bordalo. Política e imprensa na obra humorística de Rafael Bordalo Pinheiro*, Álvaro Costa de Matos (ed.), Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2005.
- MONTEIRO, Arlindo Camilo, *Amor sáfico e socrático*, Lisboa, Separata dos Arquivos do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, 1922.
- ORTIGÃO, Ramalho, "Um tolerado", *O António Maria*, 11 de Agosto de 1881, p. 250-251.
- PENSABUNDO, Dr. César, *O fim do mundo! O julgamento da Rua de Traz no Tribunal da 5ª vara*, s/l, Edição de Autor, s/d.

PROENÇA, Maria Cândida; António Pedro Manique (org.), *Rafael Bordalo Pinheiro – O António Maria. A Paródia*, Lisboa, Publicações Alfa, 1991.

ROCHA, Júlio; Baptista Machado; Rio de Carvalho, *Alho, Alho, Caracol e Couve: Almanach para 1887*, Contendo todos as coplas, coros e duetto da aplaudidíssima revista *Pontos nos ii*, Lisboa, Imprensa Minerva, 1886.